

51 ANOS Golpe nunca mais!

“Para quem não viveu, convém contar. A quem já se esqueceu, quero lembrar”. Os versos de Thiago de Mello em seu poema “Noturno do Paraná do Ramos” foram escritos em 1980, ainda durante a ditadura militar. O poeta amazonense foi um dos milhares de presos políticos perseguidos pelo regime e exilados do país. O golpe que mergulhou o Brasil em duas longas décadas de ditadura militar completa 51 anos e os versos de Thiago de Mello nunca foram tão necessários e atuais.

No dia 15 de março, quando o país deveria comemorar os 30 anos de redemocratização, assistimos perplexos às manifestações de grupos extremistas da direita que levaram às ruas milhares de pessoas, com apoio da Rede Globo e de grande parte da mídia conservadora. O que a princípio seria um protesto contra a corrupção ganhou

DEMOCRACIA E CONQUISTAS SOCIAIS EM XEQUE

Hoje, assim como foi em 1964 e na conspiração golpista que levou Getúlio Vargas ao suicídio em 1954, o objetivo das elites é conter os avanços sociais e as conquistas da classe trabalhadora. O operariado e os camponeses foram a base de sustentação tanto do governo Jango, quanto de Getúlio, que por isso eram desqualificados pela mídia. “O presidente João Goulart era muito popular em 1964, muito mais que a presidenta Dilma é no atual momento. De cada dez brasileiros, apenas dois reprovavam o governo Jango”, lembra o cientista político Antônio Lassance, em artigo publicado na Agência Carta Maior.

“Quem acha o golpismo pequeno e o

contornos fascistas, numa apologia ao golpismo, com pedidos de intervenção militar e manifestações de ódio contra partidos e ideologias de esquerda. “Embora as situações se-

extremismo minúsculo se esquece de que eles jamais precisaram de maioria para prevalecer. Fossem os golpistas maioria, eles não precisariam de golpismo algum. Ganhariam eleições”, explica. “Um país que conhece minimamente sua própria História não deveria jamais admitir que manifestações comandadas por grupos explicitamente golpistas e extremistas sejam consideradas normais, democráticas e inofensivas. O desrespeito ao voto, ao devido processo legal e aos direitos humanos não é algo normal, não é nada democrático e está longe de ser inofensivo. Merece o mais ferrenho combate com as armas da crítica, antes que essa seja ameaçada pela crítica das armas”, afirma o cientista político.

jam diferentes, é necessário manter acesa a luz amarela. Herdeiros da concepção udenista repetem hoje os antecessores de ontem”, alerta o jornalista Maurício Dias.

1964
LEMBRAR PARA
NÃO ESQUECER

• Afaste de nós esse cale-se!

Empresários financiaram o golpe

As investigações conduzidas pela Comissão Nacional da Verdade, que entre 2012 e 2014 investigou as violações cometidas pelos regimes de exceção, comprovaram que as federações de indústrias, associações comerciais e clubes lojistas foram fundamentais no golpe de 1964 e na sustentação da ditadura militar. Através do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes) e do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad), os empresários utilizavam o "caixa dois" para financiar a repressão e a ditadura, em parceria com a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, a CIA.

Nada diferente do que acontece agora. Os movimentos golpistas que organizaram as manifestações do dia 15 de março e se articulam para voltar às ruas nas próximas semanas são patrocinados por empresários e extremistas ligados a associações e clubes de militares. Entre os financiadores, estão os irmãos Koch, milionários norte-americanos ligados à indústria de petróleo e patroci-

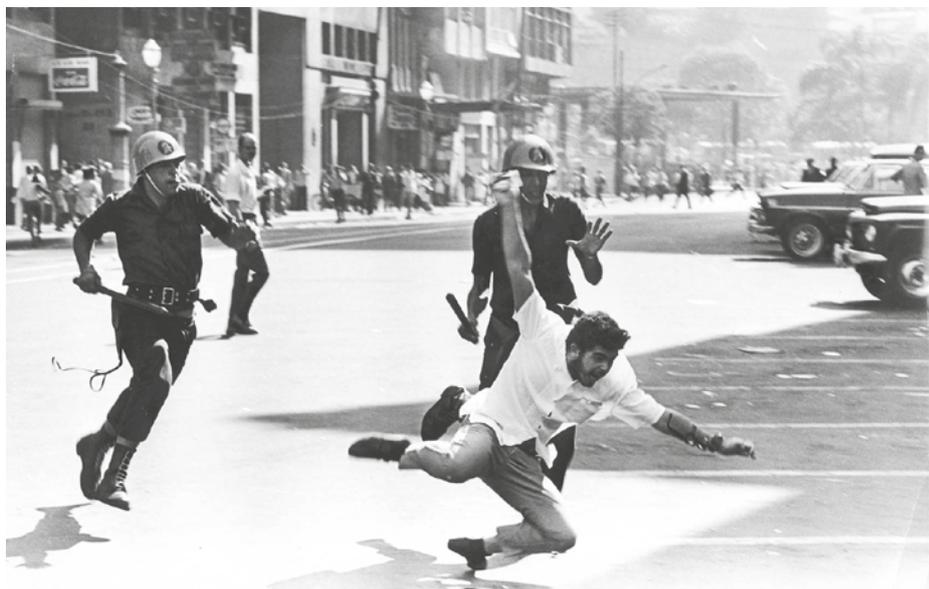


Foto: Evandro Teixeira

nadores do "Movimento Brasil Livre", e empresários brasileiros ligados ao PSDB, como Jorge Lemann, dono da Ambev, e Rogério

Chequer, líder do "Vem pra Rua", recém chegado dos Estados Unidos, onde atuava para o mercado financeiro.

O alvo da direita eram os trabalhadores

Para a advogada Rosa Maria Cardoso da Cunha, que coordenou os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, um dos principais motivos do golpe de 1964 foi reprimir os movimentos de trabalhadores organizados, que avançavam no campo popular. "Os trabalhadores foram o objeto principal do golpe, que foi um golpe de classe. Um golpe contra uma 'República Sindical'. Não era a questão comunista a principal, mas dar um golpe contra a causa dos trabalhadores. Isso tinha muito a ver com o Estado que eles queriam construir naquele momento. A repressão se abateu, principalmente, sobre a classe trabalhadora", afirma.

Sindicatos e associações profissionais sofreram intervenções e suas lideranças foram perseguidas e presas. O Comando Geral dos Trabalhadores e as Ligas Camponesas foram sumariamente fechados e as greves, proibidas. Empresas públicas e privadas monitoravam os trabalhadores e ameaçaram aqueles considerados "suspeitos" para o regime militar. Na Petrobrás, que foi dirigida por marechais e generais, criou-se a Divisão de Informações (DIVIN), uma extensão do Serviço Nacional de Informações (SNI), que tinha por objetivo "investigar a orientação política e social" dos petroleiros. Em maio de 2013, a estatal entregou ao Arquivo Nacional um acervo com cerca de 26 mil prontuários de trabalhadores perseguidos por agentes do SNI.



Foto: Internet

434 mortos e desaparecidos

Em dezembro de 2014, a Comissão Nacional da Verdade apresentou o relatório final dos dois anos e sete meses de investigações, análise de documentações e depoimentos colhidos sobre violações praticadas pelo Estado brasileiro durante a ditadura militar. Dividido em três volumes com mais de quatro mil páginas, o documento listou 434 mortos e

desaparecidos confirmados pela Comissão, bem como as circunstâncias e autoria dos crimes. O relatório também apontou que cerca de 50 mil brasileiros sofreram algum tipo de violação durante a ditadura e responsabilizou 377 pessoas pelos crimes cometidos, inclusive ex-presidentes dos governos militares, agentes das Forças Armadas e civis.

● As veias abertas da corrupção



"Empreiteiras foram sócias da ditadura"

Não é segredo para ninguém que a ditadura militar foi um dos períodos de maior corrupção no Brasil. Num Estado de exceção, onde o autoritarismo e a repressão ditavam as regras, o modus operandi era a apropriação do público pelo privado, em troca de privilégios e garantia de impunidade. "As empreiteiras foram sócias da ditadura", revela o historiador Pedro Henrique Pedreira Campos, autor do livro *Estranhas Catedrais - As Empreiteiras Brasileiras e a Ditadura Civil-Militar*. O trabalho é resultado da pesquisa para a tese de doutorado, concluída em 2012, onde explica como as grandes empreiteiras foram beneficiadas pelo regime militar e conseguiram manter seu poder sobre o Estado mesmo após a redemocratização. Abaixo, seguem alguns trechos extraídos de entrevistas que o historiador deu ao jornal El País, em 18 de março, e à Folha de São Paulo, em 07/12/2014.

Participação no golpe

"Várias associações de empresários foram antessalas do golpe de 1964, que contou com uma participação intensa do setor de construção. As empreiteiras foram sócias da ditadura. A entidade-chave foi o Ipes (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais), composto, principalmente, por empresários que financiaram o centro que buscava desarticular o governo João Goulart e montar um novo projeto de Estado. Muitos empreiteiros atuaram no instituto, que teve participação ativa no golpe. Haroldo Poland, por exemplo, presidente da empreiteira Metropolitana, era um ativo financiador do Ipes. O dono da Camargo Corrêa era muito próximo do regime e ela financiou a Operação Bandeirante, que perseguiu militantes de esquerda no país".

Apropriação do Estado

"Durante a ditadura, as empreiteiras tiveram acesso direto ao Estado, sem mediações, sem eleições. Havia um cenário ideal para o seu desenvolvimento: a ampla reforma econômica aumentou recursos públicos disponíveis para investimentos e mecanismos legais restringiram gastos para a saúde e educação e direcionaram essas verbas para obras públicas, apropriadas pelas empreiteiras. O portfólio dessas empresas ficou mais complexo. Antes, elas eram empreiteiras rodoviárias; após o golpe, adquiriram experiência na



Foto: Divulgação

O historiador Pedro Campos revela como as empreiteiras tinham acesso livre ao Estado na ditadura

construção de metrô, usinas hidrelétricas e nucleares, grandes aeroportos e obras industriais, como parques frigoríficos, refinarias e polos petroquímicos. No final da década de 60, começaram a atuar fora do Brasil e se tornaram grandes multinacionais".

O exemplo da Odebrecht

"O crescimento mais impressionante foi o da Odebrecht. Não participou das obras do plano de metas do Juscelino Kubitschek, nem das rodovias, mas cresceu de maneira impressionante durante o período de exceção. Era uma pequena empresa regional, com alguma importância no Nordeste, em grande parte porque tinha uma presença muito forte junto à Petrobrás, que na época tinha muitas obras na região. Quando a estatal começou a crescer, a Odebrecht foi junto. Construiu o edifício-sede da empresa, no Rio de Janeiro, e, a partir daí, saiu do Nordeste e fechou contratos estratégicos da ditadura, como a obra do aeroporto do Galeão e da usina Angra 1. No final da década de 70, iniciou a atuação no exterior e, na década seguinte, começou a fazer fusões e aquisições".

A corrupção por debaixo das fardas

"O decreto presidencial 64.345, de 1969 (que vigorou até 1991), estabeleceu uma reserva de mercado para empresas brasileiras. Elas passaram a tocar as obras do chamado 'milagre econômico' da ditadura, o que permitiu que obtivessem lucros altíssimos

e aprofundassem as práticas de cartel e corrupção no Governo. Muitas vezes, obras eram contratadas sem concorrência, isso era muito comum na época. As investigações sobre práticas de cartel eram raras, os mecanismos de controle estavam amordaçados, não havia Ministério Público e a imprensa era censurada. Eu diria que, em relação ao aparelho do Estado, a apropriação era ainda maior. Hoje essas empreiteiras estão sujeitas a órgãos de fiscalização e volta e meia são alvo de denúncias. São as instituições da democracia que conseguem revelar esses casos: o Ministério Público e a Polícia Federal. É um mérito dos governos recentes o investimento nesses mecanismos".

Financiamento de políticos

"Durante a ditadura, as atenções das empreiteiras estavam voltadas para o poder Executivo, ministérios e empresas estatais, principalmente. E quando o país se abre para a democracia, a correlação de forças muda e elas tentam se adaptar. O trabalho passou a ser junto ao Legislativo e aos partidos, por meio de financiamento das campanhas. Elas passam a atuar junto às bancadas para obter emendas parlamentares e verba para obras. Existe inclusive no Congresso uma bancada da infraestrutura. O fato é que os empresários fizeram uma transição de muito sucesso para a democracia. Eles haviam se apropriado de parte do Estado durante a ditadura e continuam lá na democracia".

PrimeiraMão

**Boletim da FEDERAÇÃO
ÚNICA DOS PETROLEÍROS
www.fup.org.br**

Av. Rio Branco, 133/21º andar, Centro, Rio de Janeiro - ☎(21)3852-5002 imprensa@fup.org.br
Edição: Alessandra Murteira - MTb 16763 - Texto: Alessandra Murteira w- Projeto gráfico e diagramação: Claudio Camillo - MTb 20478 Diretoria responsável por esta edição: Caetano, Chicão, Castellano, Chico Zé, Dary, Divanilton, Enéias, Leopoldino, Moraes, Paulo Cesar, Silva, Silvaney, Simão, Ubiraney, Zé Maria.

Globo e ditadura, tudo a ver!



Jornal O Globo, em 02 de abril de 1964: "Salvos da comunicação que celebradamente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares que os protegeram de seus inimigos. Este não foi um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política brasileira, pois a ninguém escapava o significado das manobras presidenciais". Um ano depois do editorial redigido por Roberto Marinho, as organizações Globo inauguravam em 26 de abril de 1965, aquela que se tornaria a grande vitrine do regime militar.

A Rede Globo nasceu e cresceu sob as benesses dos ditadores, financiada pelo Estado de exceção e em meio a uma série de ilegalidades, como, por exemplo, a associação com o grupo norte-americano de comunicação Time-Life (hoje, Time Warner), o que é inconstitucional. Nestes 50 anos de existência, a TV Globo consolidou sua hegemonia, distorcendo e narrando a história do Brasil, de acordo com seus interesses políticos e econômicos.

Documentos que hoje são públicos comprovam as relações de Roberto Marinho com o governo dos Estados Unidos, agindo nos bastidores para garantir a manutenção da ditadura militar e a nomeação de generais mais afinados com seus interesses. Enquanto centenas de jovens morriam nos porões da ditadura, os noticiários da Globo eram só elogios aos militares.

Recentemente, nas manifestações do dia 15 de março, a Globo, suas afiliadas e canais a cabo transformaram-se novamente no quartel general dos golpistas, superdimensionando os protestos transmitidos ao vivo como se fossem uma grande festa democrática, apesar das faixas exigindo intervenção militar, dos cartazes fascistas transbordando ódio de classe e das palavras de ordens para derrubar a presidente da República. "Precisamos ter um novo marco regulatório que garanta a liberdade de expressão como um direito de todos e não somente dos que detém a concessão das emissoras de rádio e TV", ressalta Rosane Bertotti, diretora da CUT e coordenadora do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação.



50 anos de manipulação serão marcados por protestos



No dia 26 de abril, quando a TV Globo completa 50 anos de existência, a CUT e os movimentos sociais farão manifestações em todo o país, denunciando as vio-

lações cometidas pela emissora contra a democracia e exigindo a democratização dos meios de comunicação. No dia 27 de abril, o Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé realizará em São Paulo o seminário "TV Globo: 50 anos de poder e hegemonia". O evento conta com o apoio da FUP e do Sindipetro-NF e será transmitido ao vivo pela TV dos Trabalhadores (www.tvt.org.br). Já confirmaram presença no debate, os professores e pesquisadores da área de comunicação César Bolaño (UFSE), Marcos Dantas e Susy Santos (UFRJ), que dissecarão como foi construído o império global; e os jornalistas Rodrigo Viana (Escrivinhador), Luciano Martins Costa (Observatório da Imprensa) e Laura Capriglione (Ponte.org), que discutirão o padrão Globo de manipulação.